

LITERATURA NA ELABORAÇÃO DE PROJETOS PARA LER E ESCREVER: A VERDADEIRA NASCENTE

Kilmara Rodrigues dos Santos¹
Alysson Emanuel de Sousa Nogueira²
Jorge Miguel Lima Oliveira³
Sérgio Morais Cavalcante Filho⁴

RESUMO

Em ambientes escolares das mais variadas localidades brasileiras é reconhecida a necessidade de incentivo ao desenvolvimento da leitura e da escrita dos estudantes. Desse modo, há uma busca constante de ideias e métodos que possam contribuir, no sentido de reconhecer que tal desenvolvimento somente se dará quando a escola enxergar no aluno a verdadeira fonte de saberes diversos, já que cada um provém de espaços físicos e ambientes familiares distintos, trazendo consigo, heranças culturais que devem servir de ponto de partida para reais situações de aprendizagem. Cabe a nós, enquanto pais, professores e adultos do entorno de uma criança, desvendar o como, onde e para quê devem surgir os projetos de incentivo à leitura. Assim sendo, nesse artigo se defende a ideia de fazer um entrecruzamento entre, literatura e educação, leitura e formação de professores em processo de formação com suas especificidades e concepções sobre sua condição de (não) leitor a partir de um levantamento de dados, para avaliar em que ponto(s) projetos de leitura literária podem influenciar positivamente na qualidade da leitura para estudantes em processo de letramento. Em consonância com Rildo Cosson, Antônio Cândido e Magda Soares acerca das ideias de luta pela não falência do ensino de Literatura nas escolas e a crença na formação de professores na ótica de Francisco Imbernón, intenciona-se uma colaboração direta com mudança da realidade educativa e social.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Projetos, Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

O professor detém uma responsabilidade associada a sua incumbência de educar que certamente assume a forma e o alcance de verdadeiras missões educativas e sociais. Quando se trata da sua prática, logo se espera que ela seja intrinsecamente ligada ao fato de que, mesmo não intencionalmente, o professor sirva de “modelo” de leitor mesmo quando a literatura não se mostra presente no seu cotidiano curricular.

Nas mais variadas situações de aprendizagem, é do professor a missão de descobrir o que vem a ser as potencialidades contidas em cada aluno que detém o próprio conhecimento de mundo. É preciso ainda, enquanto professor, contribuir para a criação ‘daquele’ clima propício

¹ Doutoranda em Educação com ênfase na Formação de Professores, Pedagoga, Profissional de Letras, Coordenadora e Assessora Pedagógica na Educação Pública municipal, kywmarasantos@gmail.com;

² Professor e Psicólogo, especialista em Psicologia Positiva, Coaching e Avaliação Psicológica, Instrutor dos Cursos de formação da PM/PB, alyssonpsi78@gmail.com ;

³ Doutorando em engenharia e gestão de recursos naturais. Gerente Regional da Educação no Estado da Paraíba, Consultor Educacional, jorge_scot@hotmail.com;

⁴ Doutorando em Ensino. Mestre em Formação de Professores. Professor do curso de Licenciatura em Matemática na Universidade Estadual da Paraíba, coautor3@email.com;

quando se espera por uma boa produção oral ou escrita, algo que, comprovadamente possa-se afirmar que: quando e se: houver uma preparação adequada do ambiente por parte do professor, este, *a posteriori* possa comprovar, o quanto seus alunos podem ser capazes de desenvolver seu potencial leitor, escritor e interpretativo. E quando se consegue, como tantos grandes educadores já conseguiram impor nos alunos o desafio de desvendar e compreender a leitura e a escrita, como parceiros, obtém-se a grande recompensa dessa criação: que é testemunhar o desvendar do mundo da leitura e da escrita por parte de quem precisa dele e ainda não conseguiu o acesso ideal.

Dessa maneira, um dos pontos de partida desse trabalho é fazer um entrecruzamento entre, literatura e educação, leitura e formação de professores. Por acreditar ser necessário considerar o contexto de mudanças oriundas dos avanços científico-tecnológicos que abrangem os diversos setores da vida humana, sem desconsiderar a leitura de mundo dos alunos (e professores) em constante processo de aquisição da leitura e da escrita.

Para tanto, foram escolhidos estudantes de uma turma de Pedagogia para buscar, nestes um retrato de como andam os procedimentos didáticos que os levam (ou não) a considerar projetos de leitura literária como incentivadores da apropriação da leitura compreensiva.

O objetivo inicial de fomentar a literatura como um facilitador para a prática de ensino de professores perpassa por todo o trabalho, procurando também destacar a trajetória crescente dos cursos de pedagogia e sua contribuição para a formação de professores da educação básica. Além do intento de exibir um retrato de professores em processo de formação com suas especificidades e concepções sobre sua condição de (não) leitor e assim, incentivar possíveis ressignificações no ensino com a aquisição de práticas de leitura literária em sala de aula.

METODOLOGIA

A ideia aqui é exibir um retrato de professores em processo de formação com suas especificidades e concepções sobre sua condição de (não) leitor a partir de um levantamento de dados, além de orientar, acompanhar e entrevistar alunas (professoras da educação básica em segunda licenciatura) do curso de Pedagogia, em suas respectivas salas de aula para avaliar em que ponto(s) a projetos de leitura literária podem influenciar positivamente na qualidade do melhoramento da leitura nas crianças em processo de letramento.

Desse modo, a ideia consequente é chegar a novas conclusões a partir da maturidade experimental dos envolvidos nesse processo empírico. Assim, essa modalidade de pesquisa é

aquela dedicada ao tratamento da "face empírica e fatural da realidade; onde produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural" (Demo, 2000, p. 21).

Foram aplicados questionários dirigidos a 20 (vinte) estudantes de Pedagogia em segunda licenciatura que já atuam em sala de aula. Além de um acompanhamento em forma de observação de 4 horas/aulas de cada aluno/professor, considerando e anotando ações e reações destes e dos aprendentes envolvidos nesse estudo.

A forma de pesquisa escolhida é bibliográfica documental, além de empírica onde procurei enquanto pesquisadora observadora tratar diretamente da contribuição dos projetos e atividades de leitura, literatura e ensino no curso de pedagogia, através de elementos convenientes demonstrados nas vivências tanto da pesquisadora como dos alunos-professores que se dispuseram a colaborar com o estudo.

A direta ligação entre o contexto teórico e a concretude da vivência em sala de aula explica a metodologia escolhida, considerando que o significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática" (Demo, 2000, p. 37).

A experiência se deu em duas escolas públicas de anos iniciais do ensino fundamental, ambas municipais, sendo a primeira, no Distrito de Santa Gertrudes, no município de Patos-PB e a segunda no município de Mãe D'água-PB, onde atuam como professoras, as duas estudantes agentes da pesquisa.

Em Patos a escola campo foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Permínio Wanderley situada no distrito de Santa Gertrudes e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Edivaldo Júnior Soares da Rocha em Mãe D'água – PB.

As pessoas envolvidas na pesquisa, vivenciam diuturnamente a necessidade de buscar incentivos à leitura, o que justifica a abordagem dos mesmos, para que com esse estudo seja possível Incentivar possíveis ressignificações desde a elaboração até a prática de ensino com a leitura literária em sala de aula.

Para a pesquisa, foi retirada uma amostra de 20 (vinte) alunos pertencentes às duas turmas locais que foram submetidos a um questionário que permitiu esboçar um retrato desses profissionais da educação.

Os questionários com questões de múltipla escolha e questões abertas tiveram a função de adquirir dados qualitativos e quantitativos sobre leitura, literatura, ensino e prática docente no curso de pedagogia do PARFOR, afim de se traçar um retrato de professores nesse constante processo de formação.

Dessa forma, foi aplicado um questionário aos 20 (vinte) participantes da pesquisa acerca de práticas pedagógicas que incentivam a aprendizagem significativa a partir da literatura. Ao que resultou no seguinte:

Quadro 1 – Sobre a frequência com a qual desenvolve práticas de leitura com os alunos

SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE
Faz com que os alunos copiem textos ou resumos do livro didático ou do quadro	Dos 20 (vinte) entrevistados, alunos-professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, 13 (treze) afirmaram que semanalmente fazem com que os alunos copiem textos e/ou resumos do livro didático ou do quadro. 4 (quatro) disseram que o fazem algumas vezes por mês, 2 (dois) fazem esse tipo de atividade uma vez por bimestre e apenas 1 (um) afirmou ter essa prática uma vez por mês.
Leva para a sala de aula textos retirados de jornais, internet ou revistas	Perguntados sobre a prática de levar para a sala de aula textos retirados de jornais, internet ou revistas, a maioria deles ficou entre a prática semanal ou algumas vezes por mês: 8 (oito) de cada. Os outros entrevistados responderam que fazem com menos frequência (2) outros que não levam textos retirados de jornais, revistas ou internet para sala de aula (2).
Lê e/ou usa contos, crônicas, poesias ou romances relativos a algum tema do currículo.	Sobre a prática de ler e/ou usar contos, crônicas, poesias ou romances relativos a algum tema do currículo, 13 (treze) no universo de 20 (vinte) professores afirmaram que semanalmente fazem uso da Literatura como um facilitador para o trabalho em sala de aula. No entanto, dos 7 (sete) restantes: 2 (dois) tentam relacionar alguma obra literária a algum outro tema do currículo uma vez por mês, 2 (dois) uma vez por bimestre e 3 (três) afirmaram nunca terem tido essa preocupação.

Fonte: Os autores.

Ao tornar corriqueira a oferta de possibilidades de leitura em sala de aula, o professor tem condições de avaliar as condições de leitura em que se encontram os alunos em fase de letramento. Nessa pesquisa, a maioria dos alunos-professores afirmaram que semanalmente

fazem com que os alunos copiem textos e/ou resumos do livro didático ou do quadro. Nessas condições, os alunos estão apenas transcrevendo. Dessa forma, percebeu-se que havia a necessidade de um desenvolvimento diário não apenas por parte dos alunos, mas também, dos professores. Assim, foi incentivada a leitura antecipada com as crianças de textos literários utilizando livros de contos e poesias de acervo disponível na própria escola, considerando as diversas possibilidades de abordagem que vão além do livro didático.

Além disso, seguindo a proposta de leitura, outras atividades foram sugeridas, tais como:

- Contação de histórias;
- Recriação oral de narrativas, com novos finais;
- Realização de desenhos, pinturas, recortes e colagens;
- Produção escrita e declamação de poesias em verso e prosa individual e coletivamente.

Todas as propostas de atividades foram atreladas a busca de relacionar a obra literária a algum outro tema do currículo, trabalhando não apenas a língua portuguesa como fim, mas também buscando aguçar a compreensão de outros temas, considerando as habilidades a serem desenvolvidas, as manifestações de linguagem e o ritmo de aprendizagem de cada aluno e de cada sala de aula contemplada com a proposta aqui sugerida.

Quadro 2 – Sobre a frequência com a qual desenvolve práticas de análise e produção textual com os alunos

SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE
Propõe em sala de aula a produção de contos, crônicas, poesias (clássicas ou em cordel) ou romances	Também questionados sobre a possibilidade de incentivar a produção de contos, crônicas, poesias (clássicas ou em cordel) ou romances em sala de aula, ao que apenas 8 deles responderam que fazem isso com frequência. Todos os outros (12) disseram incentivar essas produções mensal ou bimestralmente. O que nos remete a uma preocupação no sentido de que, a maioria dos alunos, apesar de serem instigados a ler, não tem esse mesmo incentivo quanto a produção escrita.
Lida com temas que aparecem em redes sociais, jornais e/ou revistas.	14 (quatorze) dos entrevistados, disseram lidar semanalmente em sala de aula com temas que aparecem em redes sociais, mídia impressa ou falada. 6 (seis), afirmaram fazer isso ao menos algumas vezes por mês, apesar de que, através dessas estratégias, também

	pode ser possível incentivar a leitura, com criatividade, literatura e arte.
Discute a relação dos temas que aparecem em redes sociais, jornais e/ou revistas associando-os à obras literárias.	Após 14 dos alunos-professores afirmarem que lidam com temas das redes sociais semanalmente em sala de aula, cai para 12 (doze) esse número quando se trata de discussão capaz de promover a associação desse cotidiano com obras da literatura. 5 (cinco) afirmam conseguir essa associação algumas vezes por mês, 1 profissional, o faz uma vez por bimestre, e 2 (dois) deles, nunca fizeram esse tipo de relação.

Fonte: Os autores

A ideia de que a literatura possibilita à criança uma apropriação lúdica do real, decorrente da convivência com um mundo ficcional, além da descoberta da leitura prazerosa proporcionada pelo texto literário, traz a consequência de que: quanto mais se lê, melhor se escreve. Quando questionados sobre a possibilidade de incentivar a produção de contos, crônicas, poesias (clássicas ou em cordel) ou romances em sala de aula, apenas 8 dos professores objetos de pesquisa responderam que fazem isso com frequência.

Todos os outros (12) disseram incentivar essas produções mensal ou bimestralmente, o que não é suficiente sequer para que se possa analisar a escritura dos alunos. A preocupação colocada corrobora com o sentido de que, a maioria destes alunos, apesar de serem instigados a ler, não tem esse mesmo incentivo quanto a produção escrita por parte dos próprios professores.

Além disso, fica registrado algo que merece destaque: mesmo após 14 dos alunos-professores afirmarem que lidam com temas das redes sociais semanalmente em sala de aula, cai para 12 (doze) esse número quando se trata de discussão capaz de promover a associação desse cotidiano com obras da literatura.

Em si tratando aqui de oportunidades de associar a cotidianidade dos alunos com a capacidade interpretativa possibilitada por textos literários, percebe-se um certo “desperdício” pela falta dessa associação da realidade às obras literárias em sala de aula.

Assim, deu-se a consequente proposta de elaboração de sequências didáticas que pudessem suprir não apenas a necessidade de formação de novos leitores, mas também de alunos que pudessem escrever melhor, produzindo de acordo com a própria compreensão dos textos indicados. Foram aplicadas atividades com os alunos-professores durante as aulas de

Estágio Supervisionado no Campus VII, para que somente depois, estes pudessem levar as propostas às suas salas de aula.

Os textos escolhidos foram em literatura de cordel, pela característica clara de terem fácil compreensão. No primeiro texto trabalhado - Um Deus devemos amar de Vicente Guimarães, nota-se uma série de possibilidades de abordagem que contemplam diferentes disciplinas do currículo.

Como exemplo, no decorrer do texto são citados:

Os Cinco Sentidos;

Os pontos cardeais;

Números Pares e ímpares;

As notas musicais;

Dia e noite

Rotação – translação, dentre outros temas.

Desse modo, as propostas didáticas deveriam contemplar diferentes áreas de conhecimento, sempre de acordo com o incentivo à compreensão leitora das crianças que, posteriormente, fariam uso destas atividades. Aqui, mais uma vez, houveram propostas, tais como:

- Ditado vivo (onde são apresentados objetos reais para que sejam definidos de acordo com a compreensão dos alunos);
- Quebra-cabeças com letras e números;
- Atividades interpretativas escritas individualmente;
- Produção oral de narrativas à partir do texto trabalhado;
- Realização de desenhos, pinturas, recortes e colagens;
- Produção escrita e declamação de poesias em verso e prosa individual e coletivamente.

Cada atividade proposta nessa fase teve o objetivo de enfatizar que a leitura não basta em si mesma. É necessário também desenvolver a capacidade compreensiva e escritora do aluno, pois, sem a devida atenção ao que é decorrente da prática pedagógica que esteja diretamente associada à prática da leitura, o conhecimento sobre o referencial da leitura seria em vão. Assim, é preciso que haja uma inserção crítica dos professores em processo constante de formação para que de fato, possa se garantir a possibilidade de movimento entre teoria e prática. É do professor a missão de assumir esse desafio.

À luz do pensamento de tantos autores, a intenção é explicitar a compreensão do que no decorrer dos tempos vem se considerando chamar de “a crise da leitura”. Como consequência

dessa crise, surgem as dificuldades enfrentadas nas escolas brasileiras que, apesar de projetos e programas educacionais de apoio a leitura, planejamentos constantes, modelos de planos de ensino e tantos direcionamentos que prometem melhorar a prática pedagógica, não consegue ainda estabelecer melhores resultados para a formação efetiva de novos leitores devidamente letrados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Uma rediscussão sobre leitura no Brasil implica na necessidade de revisar caminhos já percorridos e continuar indo em busca de novos, sob outros olhares, outras perspectivas que possam, se não explicar, mas tratar de tais caminhos e descaminhos por onde perpassam os elos entre língua escrita, sociedade e cultura que podem servir como objeto de análise sob diferentes pontos de vista.

Magda Soares publicou, em 2017, a última edição de *Alfabetização e Letramento*, onde enfatiza um primeiro ponto de vista que apenas se menciona e não se privilegia, focaliza, fundamentalmente, a diacronia das conexões entre escrita, sociedade e cultura. Dessa forma,

“a busca dos elos entre escrita, sociedade e cultura volta-se para os momentos históricos e aspectos antropológicos da emergência e progressiva socialização da língua escrita em sociedades e culturas, analisando as características da oralidade anterior à escrita, os processos de transição de mudanças sociais, cognitivas e comunicativas, resultantes da introdução da língua escrita em sociedade de oralidade primária”. (SOARES, 2017, p.148)

Assim, além de considerar tais pontos, para desenvolver um projeto de leitura com objetivos de ter sucesso também é necessário observar as práticas de leitura e escrita em diferentes épocas e diferentes grupos sociais, os processos históricos de acumulação, difusão e distribuição do material escrito, o surgimento da imprensa e seus efeitos e tantos outros processos interativos que influenciam (ou não) um indivíduo na construção da sua condição de leitor.

Um segundo ponto de vista pelo qual podem ser analisados os elos entre escrita, sociedade e cultura, concentra-se na análise dos aspectos sincrônicos desses elos. Afinal, a condição de apropriação da escrita interdepende da condição de aquisição da leitura. Ambas são diretamente relacionadas entre si. Ainda segundo Soares (2017), tomando as lições de diacronia como quadro de referência, volta-se para o exame do papel e do lugar da língua escrita nas modernas sociedades e culturas letradas, grafocêntricas, sociedades de ‘oralidade secundária’.

Afinal, apesar de não justificar, é possível que se explique por exemplo o quanto a influência dos novos meios de comunicação: as chamadas redes sociais, estão sendo uma vitrine onde expõe-se deliberadamente a linguagem oral representada por uma escrita que põe ainda mais em evidência a necessidade de professores que redescubram uma maneira de despertar o interesse de crianças, jovens e adultos pela leitura.

Para que isso seja possível, é preciso que o professor se perceba como um agente essencial para a mudança necessária. A literatura pode fazê-lo um multiplicador do ato de ler, para que assim, possa contribuir para o nascimento de outros leitores. No entanto, apesar da idealização dos famosos projetos de leitura, da promoção de práticas coerentes e consistentes nas escolas que consideram a relevância de tal aprofundamento, em virtude da carência de práticas individuais de leitura, o que se percebe é que persistem muitas práticas equivocadas em relação ao ato de ler. Ainda persistem trabalhos distorcidos e fragmentados com textos literários o que leva a uma “falência do ensino de literatura nas escolas”, conforme conclui Rildo Cosson (2006, p. 23).

Quando oferecemos obras literárias aos jovens leitores, permitimos que o aluno, ao ler, encontre-se com personagens que têm aflições, sentimentos, desafios e relações corriqueiras, ou seja, obras que focam o convívio humano, dando ênfase às relações afetivas, sentimentais ou humanitárias, conforme assinala Nelly Novaes Coelho (2000, p. 157).

Sob essa mesma ótica, Held (1980, pp. 151-152) afirma que se pode

[...] encontrar nela [na literatura] certa essência do ser humano, de qualquer ser humano, de si mesmo: tradução de necessidades, de angústias, de desejos, conscientes ou não. Verdade psicológica das personagens que devem possuir ocorrência interna, ser mães dos homens, mulheres, crianças que encontramos todos os dias, em todos os lugares [...].

Defendendo ainda que, a literatura contribui para a formação de leitores em todas as faixas etárias porque ela “pode ser um espaço privilegiado para abordar o contraditório e a ambiguidade” (Azevedo 2004, p. 46) presentes na vida cotidiana e que, por trazer em seu interior essas ambiguidades é possível notar que

[...] em vez de trabalhar com personagens idealizadas, previsíveis e abstratas – além de “politicamente corretas” – típicas dos livros pedagógicos, ela pode apresentar ao leitor seres humanos fictícios, mas complexos e paradoxais, mergulhados num constante processo de modificação e empenhados na construção de significado para suas vidas. (Azevedo 2004, p. 44)

A literatura é por assim dizer, um instrumento que dá voz e vez ao leitor, sendo assim, importante instrumento de emancipação do sujeito, uma vez que não permite a existência de

uma única concepção ou maneira de ver o mundo, mas sim, promove admite a emissão de opiniões diversas e o diálogo entre e com os sujeitos envolvidos.

Em inúmeras situações de aulas que vão se tornando naturalmente inesquecíveis para os alunos, ocorrem momentos em que o professor os conduz a uma ‘viagem’ através da literatura. Para Antônio Cândido,

A arte, portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (CANDIDO, 1972, p. 53).

Dessa forma, não apenas põe-se em destaque a concepção de literatura de Antônio Cândido, como também, a concepção de literatura como colaboradora das diversas áreas de conhecimento que certamente podem, por intermédio da literatura, aprimorar sua capacidade leitora, interpretativa e mesmo, criadora.

No campo da educação, instaura-se um clima de inquietação no que concerne ao perfil do homem que se deseja formar para essa sociedade. Atualmente, aponta-se para mudar a realidade educativa e social com o empenho de todos os agentes sociais em uma verdadeira construção coletiva (IMBERNÓN, 2010).

Levando em consideração diversos estudos e pesquisas que hodiernamente procura-se fazer aqui um entrecruzamento entre literatura e educação. Para isso, faz-se necessário considerar o contexto de mudanças oriundas dos avanços científico-tecnológicos que abrangem os diversos setores da vida humana.

Apesar das manifestações literárias continuarem uma luta para contribuir com a formação de professores leitores por todo o país, de acordo com a pesquisa denominada Retratos da Leitura no Brasil, realizada a cada quatro anos, 104,7 milhões de brasileiros (ou 56% da população acima dos 5 anos de idade) leram (pelo menos partes de) um livro nos últimos meses, mostrando uma melhoria no perfil do leitor brasileiro.

Em 2011, esse índice era de 50%. A pesquisa revela ainda que houve aumento nos índices de leitura per capita. Se em 2011, um brasileiro lia quatro livros por ano, em 2015, o índice chegou a 4,96. Os aumentos – tanto da população leitora quanto dos índices de leitura – foram sentidos nas regiões Sul, Sudeste, Centro Oeste e Norte.

No Nordeste, a população leitora se manteve estável (51% de leitores) e os índices de leitura per capita caíram de 4,3 livros por ano em 2011 para 3,93 em 2015.

Dessa forma, volta para o professor, numa pós pandemia que afastou os estudantes das salas de aulas por, praticamente dois anos, assim como para a família e a sociedade como um todo a responsabilidade de fomentar o gosto pela leitura nas novas gerações, pois é ele uma peça fundamental na função de mediador na composição dessa leitura. Notadamente, é do professor a tarefa formadora da literatura enquanto coparticipante na educação da sensibilidade, no desenvolvimento da imaginação, na percepção do belo e na valorização de experiências advindas do mundo da leitura. É, desse modo, com razão que Foucambert coloca:

o aumento do número de leitores não passa pela generalização pura e simples do atual modelo de leitor; passa, sim, pela diversificação das práticas de leitura e, portanto, pela evolução das escritas disponíveis. É inconcebível que professores, cuja missão é precisamente abrir caminhos para a democratização da leitura, não se engajem totalmente numa reflexão sobre o livro para crianças e jovens: não se pode separar o que é oferecido para ler do aprendizado da leitura propriamente dito (1994: 36-37).

Para tanto, é necessária a apropriação da literatura como aliada nesse processo de democratização, usando contos, fábulas, poemas, crônicas, romances e até lendas que possam povoar o imaginário e fazer acontecer a magia do encantamento pela leitura prazerosa, esta que, junto à leitura de mundo vai fazer com que este indivíduo leitor sinta-se verdadeiramente politizado, atuando crítica e conscientemente na sociedade como sujeitos principais dessa história de formação de leitores.

Desde o final da década de 1970, a comunidade acadêmica vive o que se chamou de “a crise da leitura”, sendo o tema discutido em revistas especializadas, em seminários, e congressos, considerando a relevância do fato intrinsecamente ligada às dificuldades de aprendizagem de alunos em todos os seguimentos.

No entanto, o termo “crise” estende-se ao processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa no que tange também aos professores em processo de formação constante, o que Suassuna (1995) aponta como “uma situação linguístico-pedagógica que inspira cuidados”.

Como resultados dessas reflexões apresentam-se duas causas, sendo uma de ordem estrutural e outra de ordem pedagógica: a falta de condições para o desenvolvimento de práticas efetivas de leitura; e a má formação do professor de língua materna no que diz respeito ao referencial teórico-metodológico sobre leitura (GERALDI, 1984).

Nesse ínterim, surge a Literatura como uma ponte entre tal crise e as oportunidades de melhorar as condições de leitura. Afinal, do popular ao erudito, os gêneros literários se fazem presentes no cotidiano brasileiro, garantindo que mesmo aqueles que ainda não desenvolveram

práticas efetivas de leitura, possam citar trechos de um romance, a estrofe de um poema, ou mesmo narrar oralmente a história de um famoso personagem literário.

Cabe aqui aos professores colocarem-se à disposição das ideias de incentivo à leitura, tornando-se (antes dos alunos) leitores ativos. Suassuna (1995) ainda adverte sobre a necessidade de evitar que causas e consequências dessa crise sejam centradas no aluno, já que cabe ao professor analisar o papel que tem a desenvolver no processo de formação de leitores, antes sendo um modelo no intuito de modificar a situação atual.

Assim como consta em muitos estudos, nota-se uma responsabilidade mantida pelo professor de desempenhar não apenas a função de leitor, mas também de mediador de leitura sendo assim, a convivência com a arte literária a parceria eficaz para o despertar do gosto estético. Sob essa perspectiva, leitura, então, se apresenta como prática social (GERALDI, 1984) que, por ser desenvolvida junto à ideia de interlocução, pressupõe que todo aquele que se apodera da condição de leitor, tem maior capacidade de enxergar o mundo com compreensão

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o início até todo o decorrer da pesquisa, foram crescendo algumas inquietações, no que se refere não apenas a formação inicial ou continuada dos professores envolvidos, mas também à sua formação pessoal, corroborando com a ideia freiriana de que apesar de nos vermos como seres ontologicamente inacabados, em constante processo de crescimento também intelectual, não costumamos nos dedicar a buscar meios que venham colaborar com a qualidade da nossa prática docente.

A busca por um retrato de professores que se encontravam no meio de um processo de formação continuada, inicialmente trazia muitas inferências, que não foram confirmadas. No decorrer da pesquisa nos deparamos com o relato de vivências, expressões, respostas e situações presenciadas que, por exemplo não condizem com a prática esperada de profissionais experientes em processo de formação.

O fato de a maioria dos sujeitos envolvidos na pesquisa estarem cursando sua segunda licenciatura, trouxe à tona a dedução de que, certamente tratava-se de professores leitores, pesquisadores em processo... mas diante das respostas individuais aos questionários propostos comprovou-se a pouca disponibilidade para a leitura, nem mesmo para deleite próprio, quiçá para ser contribuinte de um processo didático planejado intencionalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto se afirma, em maioria, que lida semanalmente em sala de aula com temas que aparecem em redes sociais, mídia impressa ou falada, se afirma, no mesmo questionário que esporadicamente incentiva a leitura e produção de contos, crônicas, poesias (clássicas ou em cordel) ou romances em sala de aula, (apenas 8 deles responderam que fazem isso com frequência), comprova-se a ideia de que, a maioria dos alunos, apesar de serem instigados a ler, não veem nos professores um modelo de leitor. Registrando ainda menos incentivo da parte desses profissionais para as atividades de produção escrita com os alunos.

No entanto, ao final do direcionamento de propostas de atividades que envolviam Literatura em consonância com outros componentes do currículo, comprovou-se através das observações e intervenções feitas em sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que o objetivo de incentivar possíveis ressignificações no ensino com a aquisição de práticas de leitura literária em sala de aula, foi alcançado com sucesso.

É de fundamental importância que através da Literatura, o professor em constante processo de formação, possa estabelecer elos entre escrita, sociedade e cultura, contribuindo, dessa forma para o fomento da Literatura enquanto colaboradora de uma formação mais ampla para professores, enquanto multiplicadores de aprendizagens significativas.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, R. **Aspectos da Literatura Infantil no Brasil hoje**. Revista Projeto, POA, Projeto, maio de 2004.
- CÂNDIDO, A. **A personagem do romance**. In: CÂNDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. _____. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. Trad. de Bruno Charles Magne.
- GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.



HELD, J. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. 3. ed. São Paulo: Summus editorial, 1980. Novas buscas em educação, vol. 7. Tradução de Carlos Rizzi.

IMBERNÓN, F. **Formação Permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: cortez, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo, Contexto, 2017.

SUASSUNA, Livia. **Ensino de Língua Portuguesa**: uma abordagem pragmática. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

VELOSO, M.; MADEIRA, M. A. **Leituras Brasileiras**: itinerários no Pensamento social e na literatura. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2000.